

A QUESTÃO DO DINHEIRO NA RELIGIOSIDADE NEOPENTECOSTAL

Celso Gabatz*

RESUMO

O presente artigo procura refletir algumas questões acerca do dinheiro como elemento mediador na relação com o sagrado, no que tange a experiência religiosa neopentecostal. A compreensão do dinheiro não pretende aqui ser reduzida apenas a uma crítica utilitária e oportunista enquanto expressão de fé daqueles indivíduos que se inserem neste grupo religioso. O dinheiro é um símbolo que deve ser compreendido e analisado à luz do sistema de dádiva. No contexto de uma sociedade centrada na economia de mercado, o dinheiro assume um caráter peculiar e parece ter encontrado um ambiente propício no âmbito religioso neopentecostal, para multiplicar bênçãos materiais aos que o santificam segundo os propósitos da *Teologia da Prosperidade*.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Teologia da Prosperidade. Dinheiro. Sagrado. Religião.

ABSTRACT

This assignment seeks to reflect on some questions about money as an element of mediation in the relationship with the sacred, with respect to the Pentecostal religious experience. The understanding of money here is not intended to be reduced just to a utilitarian and opportunistic critique of the expression of faith of those individuals who fall into this religious group. Money is a symbol that must be understood and analyzed in the light of the donation system. In the context of a society centered on a market economy, money takes on a special character, and seems to have found a favorable environment within the Pentecostal religious sphere, to multiply material blessings for those who sanctify it according to the purposes in the *Theology of Prosperity*.

Keywords: Neo-Pentecostalism. Theology of Prosperity. Money. Sacred religion.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O campo das representações sociais constitui-se em nossos dias como uma ferramenta importante para se compreender o universo simbólico das denominações neopentecostais. Este artigo se propõe a esboçar algumas premissas no intuito de melhor compreender o sucesso do movimento neopentecostal e da *Teologia da*

* Celso Gabatz, Graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia; Bacharelado e Licenciatura em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Universidade de Passo Fundo. Email: gabatz@uol.com.br. Resenha da Monografia de Graduação em Sociologia sob a orientação do Professor Dr. Walter Frantz, com o título "A IMPORTÂNCIA DO DINHEIRO NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS DAS DENOMINAÇÕES NEOPENTECOSTAIS: O CASO DA IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS".

Prosperidade aqui no Brasil, analisando a importância que o dinheiro adquire nas práticas religiosas destas denominações religiosas.

A prática corrente nas denominações neopentecostais, envolvendo a *Teologia da Prosperidade*, é sempre a complexa relação entre a religião e o dinheiro à luz do sistema de dádiva. O dinheiro faz a mediação com o sagrado. A soberania de Deus acaba sendo renegada a um segundo plano e a individualidade contemporânea entra em evidência, fazendo com que o fiel tenha total autonomia e Deus passe a ser um agente dos seus desejos materiais.

O DINHEIRO NO NEOPENTECOSTALISMO

A função da religião é fazer-nos agir, é auxiliar-nos a viver. O fiel que se comunicou com Deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima de sua condição de homem. Acredita ser salvo do mal sob qualquer forma. O primeiro artigo de toda a fé é a crença na salvação pela fé.¹

A relação estabelecida entre religião e dinheiro tem conseguido se perpetuar na atualidade a partir do fenômeno hegemônico de uma economia mercantil de caráter totalizante e neoliberal. A globalização fez crescer os índices de empobrecimento. O desemprego ameaça o futuro, inclusive, de nações historicamente bem alicerçadas economicamente. O ser humano transformou-se em mercadoria descartável. Aumentou a especulação e o pragmatismo. A flexibilização dos parâmetros éticos do sistema financeiro produz desdobramentos nas instituições sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas.²

O NEOPENTECOSTALISMO E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

¹ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 30.

² Conforme Anthony Giddens a ideia mais elementar sobre o “neoliberalismo” seria a de que “[...] o mercado não só permite uma alocação racional dos produtos e da mão de obra como também impede a necessidade de qualquer tipo de programa de justiça social [...] tudo é comprado e vendido [...] o governo só é necessário para fornecer uma estrutura legal para os contratos e para a defesa, a lei e a ordem.” (GIDDENS, Anthony. *No Limite da Racionalidade*. Convivendo com o Capitalismo Global. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2004, p. 71)

É possível observar que a matriz religiosa brasileira constituiu-se de uma forma bem peculiar. Seria composta pelo catolicismo ibérico e a magia europeia trazida pelos colonizadores; a religião e a magia africana e indígena e, mais tarde, pelo espiritismo e pelo catolicismo romanizado. Tal matriz teria a sua expressão religiosa mais sincrética, na umbanda. Este mosaico confluiria para uma visão e conduta *sui generis* no tocante ao discurso e à prática religiosa. Seu traço mais característico seria uma percepção mágica e utilitária.³

As denominações neopentecostais não se apegam à questão de roupas, de televisão, de costumes, e têm um jeito diferente de falar sobre Deus. Dualizam o mudo espiritual dividindo-o entre Deus e o Diabo. Pregam a prosperidade como meio de vida. Ficaram para trás as preocupações escatológicas e até mesmo a glossolalia que no início do século XX era a grande bandeira pentecostal. Em alguns lugares são chamados de carismáticos, tendo como exceção o Brasil, onde essa nomenclatura é reservada exclusivamente para um movimento dentro da Igreja Católica-Romana, chamado Renovação Carismática Católica.⁴

É no centro destas formas de expressão religiosa que encontraremos a *Teologia da Prosperidade* que valoriza o dinheiro e o sucesso material como consequência da ação de Deus pelo ser humano.

A *Teologia da Prosperidade* parte do princípio de que todos são filhos e filhas de Deus, e que, portanto, recebem os benefícios desta filiação em forma de riqueza, livramento de acidentes e catástrofes, ausência de doenças, ausência de problemas, posições de destaque, etc. Sustenta que nenhum filho de Deus pode adoecer ou sofrer, pois isso seria uma clara demonstração de ausência de fé e, por outro lado, da presença do diabo. Ao mesmo tempo, se chega ao exagero de declarar que quem morre antes de 70 anos é uma prova de incredulidade, imaturidade espiritual ou pecado.⁵

Esta teologia reafirma uma concepção de divindade já presente no imaginário religioso da sociedade brasileira, cuja força se manifestaria pelas

³ BITTENCOURT, José. Remédio Amargo. In. ANTONIAZZI, Alberto. *Nem Anjos, Nem Demônios*. Petrópolis: editora Vozes, 1996, p. 24.

⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e Protestantismo "Histórico" no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. Belo Horizonte, 2011, p. 504-533.

⁵ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 147-160.

benesses materiais concedidas aos fiéis, como recompensa pela adoração.⁶ Possui características doutrinárias que remontam os mais modernos interesses empresariais.

[...] tem importante função terapêutica buscada na cura divina, na prosperidade e nos rituais de exorcismo [...], contém “doses maciças de misticismo”, incluindo o uso de objetos como mediação do sagrado [...], concede liberdade às “expressões emotivas”, propiciando catarse individual e coletiva.⁷

Para o pesquisador Ari Pedro Oro, as igrejas neopentecostais seriam autóctones, com lideranças fortes e pouco inclinadas para o ecumenismo. Também “[...] estimulariam a expressividade emocional [...] adotando técnicas de marketing e retirando dinheiro dos fiéis ao colocar no mercado serviços religiosos e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento.”⁸

Percebe-se que os problemas e as aflições terrenas são fortemente carregados de sentido ideológico, na medida em que, ao identificarem esses problemas, os líderes propõem soluções transcendentais deslocando, assim, o “centro gerador dos problemas do campo social para o espiritual”. Sobre esse tema, Oro pondera o tipo de ação dos líderes neopentecostais:

Os problemas, as angústias e o mal por que passam os indivíduos são muito bem detectados pelos líderes neopentecostais, os quais propõem sistematicamente uma explicação transcendental para sua origem e solução [...] se os problemas partem do plano espiritual para o material, as soluções também partem do plano espiritual para o material.⁹

É a partir do neopentecostalismo que podemos observar uma reinterpretação do sofrimento humano. Diferente da premissa cristã do sofrimento vicário de Cristo na cruz em favor de todas as pessoas, a perspectiva

⁶ Antes de entrar na análise do lugar do dinheiro na *Teologia da Prosperidade*, vale lembrar que as doações, ofertas, pagamentos e dízimos são uma realidade no encaminhamento de diversas religiões. É assim com as promessas no catolicismo, com os despachos e os pagamentos às mães e aos pais de santo nas religiões afro-brasileiras, e é assim também com o donativo judaico.

⁷ BITTENCOURT, José. Remédio Amargo. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: editora Vozes, 1994, p. 41.

⁸ ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha”: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. *Cadernos de Antropologia*. V. 9, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1992, p. 16.

⁹ ORO, 1992, p. 15.

neopentecostal entende o sofrimento aqui e agora como um claro sinal de desgraça e do abandono da divindade em relação ao indivíduo.¹⁰

A figura de Deus adquire forças mágicas que libertam o fiel da ação maligna do diabo, concedendo forças para não aceitar o sofrimento, para não resignar diante do fracasso. Este fracasso é sempre explicado como uma consequência para os que não quiseram ou que tenham dado as costas à congregação e que, por isso, são justamente atingidos pelas forças malignas e os seus “encostos”.¹¹ Haveria uma substituição dos princípios teológicos em favor dos pressupostos mercadológicos.¹²

O SIMBOLISMO DO DINHEIRO NO NEOPENTECOSTALISMO

O dinheiro enquanto produto da sociedade, não deveria ser contemplado apenas em sua realidade material, mas como produto cultural, simbólico, capaz de criar parâmetros de consolidação de uma nova identidade relacional.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica; um sentido imediato do mundo [...] uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, [...] tem o mérito de designar explicitamente a função social [...] do simbolismo [...].¹³

Corroborando com Esta compreensão, Geertz, sublinha que a cultura confere a atividade religiosa uma dimensão mais autônoma, na qual o símbolo funcionaria como uma espécie de ligação entre o mundo humano e as forças que o transcendem.¹⁴

Durkheim, ao explicar a relação entre sagrado e profano em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, esboça um caminho basilar para a sua ideia

¹⁰ MARIANO, Ricardo. *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais*. v. 3, n. 1. Porto Alegre: CIVITAS, 2003, p. 242.

¹¹ O fundador da maior denominação neopentecostal brasileira, a Igreja Universal do Reino de Deus, autoproclamado Bispo, Edir Macedo, chega a enumerar pelo menos dez sinais que comprovariam se o indivíduo poderia estar tomado pelos poderes malignos ou algum “encosto”. “[...] nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataque, desejos de suicídio, doenças que os médicos não descubrem as causas, visões de vultos ou audição de vozes, vícios, depressão.” (MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias. Deuses ou demônios*. Rio de Janeiro, Gráfica Universal, 1990, p. 60-61)

¹² Esta tese é referida por intelectuais como Hugo Assmann, Franz Hinkelamert, François Houtart e Ari Pedro Oro. Todos apontam para uma “mercantilização” do sagrado.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 9-10.

¹⁴ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 78.

acerca das noções de representações individuais e coletivas. Para Durkheim, as representações coletivas são fatos sociais, reais por eles mesmos. Assim, “As representações [...] originam-se das relações que se estabelecem, tanto entre indivíduos [...] quanto entre grupos secundários que se interpõem entre o indivíduo e a sociedade total.”¹⁵

Para o pesquisador romeno Mircea Eliade, o ser humano obtém o seu conhecimento do sagrado na medida em que este se manifesta como algo diferente do profano.¹⁶ Eliade entende que para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como uma sacralidade cósmica.¹⁷

O pensamento simbólico aparece de forma extraordinária enquanto expressão descritiva também em Weber:

A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este mundo. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas “*para que vás bem e vivas muitos anos sobre a face terra*”. Mesmo rituais como sacrifícios humanos, extraordinários, sobretudo entre uma população urbana [...] sem qualquer expectativa dirigida ao além. A ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente, em sua forma primordial, uma ação racional [...] ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins [...]. A ação ou o pensamento religioso ou “mágico” não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em grande maioria, de natureza econômica.¹⁸

O pesquisador Reginaldo Prandi aponta que a “[...] característica dos novos movimentos religiosos, como o neopentecostalismo, é o seu absoluto desinteresse em reforçar a postura racional, científica e historicista [...]”.¹⁹ O individualismo parece ter criado as condições ideais para a crise das racionalidades inclusivas e comunitárias, como as que podemos vislumbrar nos movimentos católicos alinhados

¹⁵ DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: ICONE, 1994, p. 41.

¹⁶ Eliade refere o termo – *hierofani* – que em termos práticos exprime um conteúdo etimológico que significa literalmente “algo sagrado está se revelando para nós”. (ELIADE, Mircea. *Das Heilige und das Profane*. Vom Wesen des Religiösen. Hamburg: Rohwohlt, 1957, p. 17)

¹⁷ ELIADE, 1957, p. 19.

¹⁸ WEBER, Max. *Ciência e Política*. Duas Vocações. São Paulo, Cultrix, 1998, p. 279.

¹⁹ PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo, Hucitec, 1996, p. 95.

com a Teologia da Libertação²⁰ ou com as alas mais progressistas nas igrejas protestantes históricas.

Num sistema que se encontra organizado tendo como pedra fundamental os princípios do consumismo para a garantia da felicidade humana, o neopentecostalismo parece ter conseguido resignificar, incorporar, mesclar, atrair, entusiasmar, adaptar, expandir e internalizar uma nova experiência sagrada.

O DINHEIRO COMO DÁDIVA RELIGIOSA

Na interpretação dos pregadores brasileiros da *Teologia da Prosperidade*, o pecado cometido por Adão e Eva desfez a comunhão, a aliança estabelecida entre Deus e as suas criaturas humanas, tornando-as escravas do Diabo. Como Deus desejava voltar a ser “sócio” do ser humano, mandou seu filho unigênito à cruz para expiar o pecado original. No entanto, Jesus não teria expiado os pecados da humanidade ao ter seu sangue derramado na cruz, mas sim, após a morte, teria descido ao inferno, recebido a natureza satânica, experimentado a morte espiritual, sofrido durante três dias, renascido e, por fim, conseguido derrotar o Diabo em seu próprio território.²¹

O DINHEIRO COMO DÁDIVA E SACRIFÍCIO

A base fundamental desta doutrina é o *dar*. Significa dar o “melhor”, para Deus. Além disto, o indivíduo também é desafiado a testemunhar cada vitória alcançada, nunca esquecendo que a graça alcançada se encontra diretamente condicionada ao tamanho do sacrifício imolado diante do altar, como oferta a Deus.

Um dos meios que uso muito em minhas igrejas e nas concentrações que realizo por este país afora é a distribuição de envelopes com quantias estipuladas para serem entregues dentro de uma semana, quinze dias, um mês, ou numa data estabelecida. Há quem prometa ofertar uma quantia que

²⁰ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica que engloba diversas teologias cristãs desenvolvidas no Terceiro Mundo a partir dos anos 70 do século XX, baseadas na opção preferencial pelos pobres contra a pobreza e pela sua libertação. (ROMEIRO, Marcio A. de Sousa. *Teologia da Libertação apenas uma experiência marginal?* Disponível em:

<<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=852>>. Acessado em 19 out. 2011)

²¹ MARIANO, 1999, p. 160-161.

ainda não possui e nem sabe como consegui-la. Pela fé, apanha o envelope e o leva para casa. Deus honra a sua fé e concede não só o suficiente para a oferta, como ainda a sobra, que vem beneficiar aquela pessoa.²²

Assim, o crente pode, a qualquer tempo, receber a sua bênção na medida em que se dispõe a reivindicar aquilo que a Palavra de Deus declara ser de propriedade da pessoa.²³ O crente que almeja receber grandes bênçãos precisa ser, portanto, radical nas suas demonstrações de fé. Precisa dispor de muita coragem, perseverança, assumindo altos riscos.²⁴

Mesmo criando uma dependência em relação ao sagrado a *Teologia da Prosperidade* não deixa de se inspirar pelos valores advindos do mercado e das práticas do capitalismo neoliberal. Sendo assim, é possível concordar com Houtart, quando o mesmo afirma que os discursos religiosos, em meio a todo este contexto,

[...] ou bem legitimam o mercado em função da eficácia social, que corresponde às exigências de justiça do evangelho, ou bem ambos se superpõem, não se articulam, exceto por insuficiência: o vazio criado por um (o mercado) é substituído pelo outro (o reino), e as contradições do primeiro são resolvidas pelo segundo. Nesta perspectiva, ainda que as duas ordens de coisas sejam de todo diferentes e os valores não compráveis e muitas vezes contraditórios, o bem-estar do ser humano, que é o objetivo de ambos, é satisfeito pela sua complementaridade.²⁵

Portanto, ao apoiar-se no capitalismo, que autoriza e induz o ser humano para consumir e ser consumido pelo objeto do seu desejo, o individualismo religioso cada vez mais se acirra e motiva as pessoas a serem, ao mesmo tempo, obcecadas pelos valores materiais e por aquilo que estes podem lhes proporcionar.²⁶

²² SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1985, p. 133.

²³ Segundo Bittencourt, “[...] nas regiões abissais da subjetividade coletiva existe uma perspectiva permanente de intervenção divina e arrasadora capaz de transformar radicalmente o contexto de sofrimento e abandono.” (BITTENCOURT, 1994, p. 25)

²⁴ Existem exemplos de fiéis que acabaram doando à igreja coisas muito valiosas, como salários, poupança, herança, carro, casa, entre outros. As coisas sagradas em relação às quais funciona o sacrifício são coisas materiais e sociais. Para que o sacrifício seja bem fundamentado é preciso existir um motivo que faça a pessoa sair de si mesmo e as quais ele deve o que sacrifica. Uma das melhores obras a respeito é de BASTIDE, R, denominada *O Sagrado Selvagem e Outros Ensaios*.

²⁵ HOUTART, François. *Mercado e Religião*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 88.

²⁶ Conforme a visão do sociólogo polonês Zigmunt Bauman, o tempo adquire velocidade do movimento através do espaço, da imaginação e da capacidade humana. A modernidade passa a representar para cada ser humano um esforço contínuo, rápido e inatingível. O acesso a meios mais rápidos de mobilidade na modernidade é a principal ferramenta de poder e dominação. Para distinguir a modernidade e as suas condições, o autor faz uso de duas características para apresentar diferenças na situação atual. A primeira diz respeito ao declínio da crença de que há um Estado de

O DINHEIRO COMO ATRIBUIÇÃO E RETORNO

Embora as religiões históricas continuem a ter mais respeito e a gozar de maior prestígio e legitimidade social que as neopentecostais, elas cada vez mais vão perdendo espaço. Deduz-se que as religiões que conseguem oferecer uma resposta de caráter imediato, individual e mágico, são as que mais se expandem na América Latina, e de forma especial, no Brasil. O sucesso numérico das mesmas se deve, em parte, ao fato de que elas produzem e ofertam maior quantidade de serviços “mágico-religiosos” do que as religiões secularizadas. Como afirma Durkheim²⁷, a magia tende a gerar compromissos efêmeros baseados numa relação de troca imediatista.

Oliveira Silva²⁸ aponta dois fatores importantes nesse tipo de discurso como método de garantia de sucesso para quem o pratica: a determinação e as promessas de Deus.²⁹ Soares³⁰ refere que a determinação é o ponto de partida para o sucesso, a fim do crente “tomar posse da bênção”, onde o milagre acontecerá em decorrência do seu empenho. Sendo assim, se faz necessário entender que, “Determinar é marcar tempo, fixar, definir, prescrever, ordenar, estabelecer, decretar e decidir. [...] Se você determinar em o Nome de Jesus, você pode estar certo de que a sua ordem não falhará.”³¹

A dádiva da atribuição e retorno supõe a derrota de todo e qualquer poder que tenha o propósito de impedir o fiel de alcançar o sucesso e a prosperidade. Todas as conquistas estão condicionadas a sua perseverança, coragem e fidelidade.

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E AS SUAS IMPLICAÇÕES NO BRASIL

perfeição a ser atingido no fim do caminho. A segunda diz respeito à autoafirmação do indivíduo, que se reflete no discurso ético e político do quadro da “sociedade justa” para o dos “direitos humanos”. (BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, *passim*)

²⁷ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1996.

²⁸ OLIVEIRA SILVA, Dionísio. *O comércio do sagrado*. Londrina: Descoberta, 2004.

²⁹ Além destes, Oliveira Silva aponta a abundância do crente com toda a sorte de bênçãos; o prestígio e a ascensão social; a certeza da vitória. Não há mais limites para o fiel, quando ele está impulsionado por essa promessa. (OLIVEIRA SILVA, 2004)

³⁰ SOARES, R. R. *Como tomar posse da bênção*. (Coleção Graça de Deus). 4. ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990.

³¹ SOARES, R. R. *Perguntas e respostas sobre o dízimo – os 10% que nunca faltam*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001, p. 7-8.

O neopentecostalismo através da *Teologia da Prosperidade* efetua uma nova concepção do dinheiro no campo religioso. Antes visto como algo impuro, capaz de ser responsabilizado por muitos males e vícios da sociedade contemporânea, hoje, o dinheiro assume um sentido positivo, como símbolo que realiza a mediação privilegiada com o sagrado em espaços de troca através de rituais mediados pela igreja.

O dinheiro não é somente percebido como um símbolo ou um elemento que recebe uma distinção de acordo com uma lógica econômica. Não se trata de o fiel apenas, e de forma simplória, ofertar - *dar* - dinheiro para receber os benefícios esperados, mas antes, de ofertar segundo os parâmetros quantitativos nos quais prevalece a crença de que dando mais, mais chances terá de alcançar a graça, a retribuição, o benefício.

A TEOLOGIA DA GUERRA ESPIRITUAL E A VISÃO UNILATERAL DA REALIDADE

Duvidar, questionar e julgar denotam modos de pensar e agir considerados demoníacos, próprios dos ímpios, dos filhos de Belzebu.³² O bom crente deve sempre obedecer, ajudar, ofertar, evangelizar. Em hipótese alguma, duvidar do conteúdo dos sermões, das orientações dos pastores, da idoneidade da liderança eclesiástica.

Os demônios vão se constituindo como obstáculos que impedem a possibilidade de alcançar a vida no Paraíso.³³ Assim, como obstáculos, encarnam-se

³² Nome de um dos demônios, o chefe dos espíritos malignos. Originalmente representava uma divindade fenícia. A Bíblia o qualifica como príncipe dos demônios. Teria se rebelado contra Deus e, por isso, foi precipitado no Inferno e, mesmo assim teria suscitado a perdição da humanidade. Considerado um inimigo de Deus, que provoca doenças e desgraças, e sobre qual Jesus Cristo ganhou a vitória na sua morte e ressurreição.

³³ No cristianismo primitivo, por volta do século II d.C., foi sendo assimilada uma teologia “demonológica” que viria a influenciar significativamente a vida das pessoas, sendo, inclusive, referência para interpretar determinadas situações adversas tanto individuais como coletivas, de caráter social, econômico, político e também cultural. (SPONHEIM, Paul. R. *O Conhecimento de Deus*. In: *Dogmática Cristã*, Volume II, BRAATEN, Carl e JENSON, Robert. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 359-454.

no mundo das coisas humanas, impedindo-as de ser para Deus: “Dessa polarização resulta que tudo o que afasta os homens de Deus é uma manifestação do diabo”.³⁴

“Dar”, “receber”, “plantar” e “colher” denotam categorias econômicas, mas não poderiam ser reduzidas apenas a uma configuração mercantilista. A fé que se expressa por meio do desafio do ofertar, tem como propósito “[...] despotencializar os demônios e assim permitir a reintegração de posse, garantida pelo compromisso divino do *dê-me, dou-te*”.³⁵

A ESCATOLOGIA COTIDIANA E A LIBERALIZAÇÃO DOS COSTUMES

*As religiões em geral lidam com uma experiência religiosa marcadamente utópica, em seu aspecto religioso teológico prático, pois estão sempre preocupadas com o futuro, com a esperança escatológica.*³⁶

A Escatologia rompe com a compreensão cristã apocalíptica do tempo e antecipa a retribuição ou a salvação para o momento presente do fiel, não a deixando apenas para o céu e a vida após a morte.

Maria Campos Machado alerta que aconteceu um afastamento de antigos rituais tão observados nas denominações protestantes históricas como “[...] a defesa da castidade e da fidelidade conjugal para os dois sexos; a sobriedade dos trajés; o combate à vaidade feminina; a separação sexual dos fiéis nos cultos; a severa condenação do carnaval e do futebol.”³⁷

O neopentecostalismo opera um rompimento com “[...] a tradicional identidade estética, pois seus membros vestem-se como bem entendem, as mulheres usam adereços e produções de beleza, aos fiéis não é vedado o lazer e a

³⁴ NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, 1986, p. 18.

³⁵ GOMES, Wilson. Nem anjos, nem demônios. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 238.

³⁶ FERREIRA, Reginaldo Cruz. A vulgarização do sagrado e a comercialização da fé. *Revista de Teologia & Cultura* - Ano VI, n. 29. São Paulo: Ciberteologia 2006, p. 9.

³⁷ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas – SP: Autores Associados, 1996, p. 156. A rejeição do mundo e das coisas sempre foi algo muito valorizado no universo protestante. Esta rejeição acabava transformando-se em condição para a salvação. A vida eterna era a grande recompensa e traduzia o anseio de todo cristão convicto.

diversão.”³⁸ As Igrejas agora adotam baterias, contrabaixo, guitarras. Os cultos são animados com palmas e movimentos copiados de ambientes não evangélicos.³⁹

A NEGAÇÃO DO CONFORMISMO E A REINVENÇÃO SIMBÓLICA

Ideias, representações, símbolos e significações não estão colocados apenas para fazer parte da ação humana, mas demarcam e engendram força e poder, que

[...] reside na objetivação e na oficialização de fato levados a cabo pela nomeação pública, diante de todos, e cujo principal efeito consiste em extrair a particularidade [...] do impensado ou até mesmo do impensável [...]; esta oficialização encontra sua plena realização na manifestação, ato tipicamente mágico [...] através do qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, reprimido, torna-se visível, manifesto, tanto para os outros grupos como para si mesmo, atestando sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando sua pretensão à institucionalização. O mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto.⁴⁰

As denominações neopentecostais realizam a síntese de valores e símbolos religiosos diversos: judaicos, católicos tradicionais e populares, do protestantismo, do espiritismo e dos cultos afro-brasileiros. Alicerçada nesta base teológica, conseguem fazer uma profunda crítica a outras tradições religiosas, expondo assim, a própria crise da fé presente no âmbito eclesialístico do mundo globalizado.⁴¹

O fiel não necessita mais esperar as bênçãos divinas apenas para o futuro, mas poderá saciar já agora seus desejos e caprichos, ingressando, com isso, na

³⁸ ORO, Ari Pedro. *Considerações sobre a modernidade religiosa*. v. 14/15. Buenos Aires: Sociedad y Religión.1996, p. 55.

³⁹ Durkheim observou ser imprescindível a qualquer forma de expressão religiosa uma gama de elementos que permitam a separação entre as esferas sagrada e profana. Quando os neopentecostais vão para o território do “inimigo ou diabo”, durante uma festa de carnaval, por exemplo, mesmo com o nobre pretexto de evangelizar, eles na verdade estariam perdendo um pouco da sua natureza própria. As músicas passam a ser o único elemento distintivo desses dois universos. (DURKHEIM, 1996)

⁴⁰ BOURDIEU, 1998, p. 112.

⁴¹ Para Karl Marx a religião representava uma ilusão produzida por uma sociedade injusta. Abolidas as condições de injustiças, a religião tenderia a desaparecer. Já de acordo com o pensador dinamarquês Sören Kierkegaard, o ser humano seria uma síntese do finito, do temporal, do terno, da liberdade e das suas necessidades. Sigmund Freud entendia que a contradição primordial da existência humana se encontrava no próprio ser do indivíduo. A terapia poderia auxiliá-lo a compreender a sua condição miserável e aceitá-la de forma estoica. (LESBAUPIN, Ivo. *Marxismo e Religião*. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião – Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.15-32)

lógica do mercado moderno, do consumo sem limites. Todas as aflições, doenças, desemprego e falta de perspectiva futura, ficam ancoradas na promessa de salvação e conquista de dias melhores na terra mediante o pagamento de determinados valores monetários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vertiginosa expansão neopentecostal é um fenômeno de amplitude mundial e, talvez, o mais importante no cenário religioso do Brasil e da América Latina. Com uma lógica antropocêntrica, a ação de Deus é justificada a partir de determinados textos bíblicos que ilustram as conquistas alcançadas pela fé. As palavras e promessas são difundidas e os fiéis condicionados a exercitar o seu direito/dever de tomar posse das vitórias e exigir os resultados referidos em textos bíblicos utilizados nas celebrações, geralmente, de forma desconexa, aleatória e sem preocupações contextuais.

É possível perceber que o neopentecostalismo acredita que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, concedendo infinitas amostras de seu supremo poder e inigualável bondade.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, José. Remédio Amargo. In. ANTONIAZZI, Alberto. *Nem Anjos, Nem Demônios*. Petrópolis: editora Vozes, 1996.

_____. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: editora Vozes, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e Protestantismo "Histórico" no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. Belo Horizonte, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1996.

_____. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: ICONA, 1994.

ELIADE, Mircea. *Das Heilige und das Profane. Vom Wesen des Religiösen*. Hamburg: Rohwohlt, 1957.

FERREIRA, Reginaldo Cruz. A vulgarização do sagrado e a comercialização da fé. *Revista de Teologia & Cultura - Ano VI*, n. 29. São Paulo: Ciberteologia 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOMES, Wilson. Nem anjos, nem demônios. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1996

GIDDENS, Anthony. *No Limite da Racionalidade*. Convivendo com o Capitalismo Global. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2004.

HOUTART, François. *Mercado e Religião*. São Paulo: Cortez, 2003.

LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião – Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias. Deuses ou demônios*. Rio de Janeiro, Gráfica Universal, 1990.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas – SP: Autores Associados, 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais*. v. 3, n. 1. Porto Alegre: CIVITAS, 2003.

NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

ORO, Ari Pedro. "Podem passar a sacolinha": um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. *Cadernos de Antropologia*. V. 9, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1992.

_____. *Considerações sobre a modernidade religiosa*. v. 14/15. Buenos Aires: Sociedad y Religión, 1996.

OLIVEIRA SILVA, Dionísio. *O comércio do sagrado*. Londrina: Descoberta, 2004.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1757-1771

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo, Hucitec, 1996.

ROMEIRO, Marcio A. de Sousa. *Teologia da Libertação apenas uma experiência marginal?* Disponível em: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=852>>. Acessado em 19 Out. 2011.

SOARES, R. R. *As bênçãos que enriquecem*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1985.

_____. *Como tomar posse da bênção*. (Coleção Graça de Deus). 4. ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990.

_____. *Perguntas e respostas sobre o dízimo – os 10% que nunca faltam*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

SPONHEIM, Paul. R. *O Conhecimento de Deus*. In: Dogmática Cristã, Volume II, BRAATEN, Carl e JENSON, Robert. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

WEBER, Max. *Ciência e Política*. Duas Vocações. São Paulo, Cultrix, 1998.